

**PESQUISA QUALITATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA ESTUDOS
DECOLONIAIS**

Karina Francine Marcelino¹
Mestra em Administração
karinamarcelino@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Resumo

O presente ensaio teórico tem como objetivo compreender as contribuições da pesquisa qualitativa para os estudos que possuem um enfoque decolonial. O argumento central é que as ciências sociais aplicadas têm o desafio de transitar em terrenos que promovam conversas críticas em torno da democracia, da raça, do gênero, da classe, dos Estados-nações, da globalização, da liberdade e da comunidade, a partir de metodologias crítico-reflexivas.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, Decolonialidade, Metodologia da Pesquisa.

Resumen

Este ensayo teórico tiene como objetivo comprender las contribuciones de la investigación cualitativa a los estudios que tienen un enfoque decolonial. El argumento central es que las ciencias sociales aplicadas enfrentan el desafío de transitar por terrenos que promuevan conversaciones críticas en torno a la democracia, la raza, el género, la clase, los estados-nación, la globalización, la libertad y la comunidad, a partir de metodologías crítico-reflexivas.

Palabras clave: Nullam, Aenean, Venenatis, Suspendisse.

Abstract

This theoretical essay aims to understand the contributions of qualitative research to studies that have a decolonial focus. The central argument is that applied social sciences

face the challenge of moving into terrains that promote critical conversations around democracy, race, gender, class, nation-states, globalization, freedom and community, based on of critical-reflective methodologies.

Keywords: Qualitative research, Decoloniality, Research Methodology.

1. PESQUISA QUALITATIVA E ESTUDOS DECOLONIAIS

O pensamento decolonial sugere a identificação e a superação da colonialidade do poder, do saber e do ser, apresentando-se como um desafio a ser considerado pela ciência e teoria política estudada no Brasil (BALLESTRIN, 2013). A partir desse entendimento, reações à forma tradicional de fazer ciência, somadas à maior complexidade dos fenômenos estudados, contribuem para o surgimento de novas possibilidades epistemológicas (SOUSA SANTOS, 1988), sendo a pesquisa qualitativa um dos possíveis caminhos para essa abertura (LEAL, 2020).

Para as pesquisas que se propõem serem decoloniais, é preciso pensar não só as bases epistemológicas das teorias em que se baseiam as pesquisas, mas também os métodos em que as mesmas pretendem se elaborar. Busca-se pensar a relação entre sujeito e objeto, entendendo que o objeto de estudo não pode ser do interesse do pesquisador - individual, mas deve ser construído no coletivo, com comunidades e povos que as pesquisas visam alcançar (SPYER DULCI e ROCHA MALHEIROS, 2021). O compromisso desafiador de desenvolver pesquisas com viés decolonial significa romper com as formas metodológicas tradicionais da área de administração, principalmente de viés positivista-funcionalista. É necessário, possibilidades para pensar além da “colonialidade metodológica” presente nas pesquisas.

Considerando que a investigação qualitativa fornece *insights* detalhados e explicações contextuais para os desafios enfrentados na prática da gestão moderna (LANKA et al, 2021), busca-se compreender neste *paper* as contribuições da pesquisa qualitativa para os estudos que possuem um enfoque decolonial. O argumento central é que as ciências sociais aplicadas têm o desafio de transitar em terrenos que promovam

conversas críticas em torno da democracia, da raça, do gênero, da classe, dos Estados-nações, da globalização, da liberdade e da comunidade, conforme proposto por Denzin e Lincoln (2006, p.16) a partir de metodologias crítico-reflexivas.

Os teóricos do pensamento decolonial, em especial, os autores do “Grupo Modernidade/Colonialidade” se dedicam a tratar de um dos conceitos-chave do “giro decolonial”, qual seja, a colonialidade, bem como suas derivações, especialmente colonialidade do poder, colonialidade do ser e colonialidade do saber. Ao tratar especificamente da decolonialidade proposta pelo referido Grupo, Ballestrin (2013, p. 108) evidencia que:

Diversos autores e autoras, situados tanto nos centros quanto nas periferias da produção da geopolítica do conhecimento, questionam o universalismo etnocêntrico, o eurocentrismo teórico, o nacionalismo metodológico, o positivismo epistemológico e o neoliberalismo científico contidos no *mainstream* das ciências sociais.

Dessa forma, ao questionar o *mainstream* das ciências sociais, a pesquisa qualitativa apresenta seu valor ao mesmo tempo em que paradigmas alternativos possuem. O método qualitativo luta para ser visto como uma escolha legítima de metodologia devido ao domínio do positivista, empirista e tradições quantitativas (LANKA et al, 2021). Indo ao encontro de Sousa Santos (1988), a ciência social será sempre uma ciência subjetiva, pois tem que compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações. Dessa forma, é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos qualitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo.

Observa-se assim que, pesquisas cujos temas são gênero, classes sociais e relações étnico-raciais precisam ser abordadas a partir de lentes que questionem de forma significativa e reflexiva e que forneçam realismo e humanidade aos fenômenos, indo ao encontro de Cunha e Rego (2019) o qual afirmam que “os métodos qualitativos [...] são críticos para construir e desenvolver teorias ao olhar para os fenômenos de modo próximo, reflexivo e contextualmente situado”. E essa abordagem crítico-reflexivo a partir da lente decolonial se aproxima da pesquisa qualitativa.

Ainda, segundo Cunha e Rego (2019), os métodos qualitativos possuem foco na dimensão processual da realidade. E isso é muito importante, tendo em vista que a

realidade é dinâmica. Esse quadro é complementar quando tratamos de epistemologias alternativas que desafiem a colonialidade do conhecimento e o atual quadro de acirramento e expansão das desigualdades e assimetrias em escala global (ABDALLA e FARIA, 2017).

Conforme Alperstedt e Andion (2017), a pesquisa qualitativa nos incita a questionar a forma clássica de fazer ciência, que não problematiza o real e que toma por posto (fato) que os problemas existem *a priori*, e que necessitam de soluções. Aproxima o conhecimento científico dos saberes práticos, a verdade do valor, a ciência da política.

O conhecimento é (co)construído na relação com o mundo, ou seja, é um processo de interobjetivação e que leva em consideração uma pluralidade de visões, interesses, desejos e aspirações (ALPERSTEDT; ANDION, 2017). Em síntese, a gente apreende a realidade no sentido de objetivá-la. Corroborando com isso, o engajamento científico à luz da opção decolonial – epistêmica, teórica e política - pode possibilitar que saberes sejam desvelados, especialmente em áreas funcionais, que continuam em estado de latência e subalternidade em relação às áreas de estudos organizacionais e estudos críticos de gestão (ABDALLA e FARIA, 2017).

A partir desse entendimento, quando pensamos sobre o resultado das pesquisas é importante construirmos uma consciência e sensibilidade ao possível impacto simbólico (OLIVEIRA e DAVEL, 2021). Segundo Oliveira e Davel (2021) nossa produção científica deve acontecer no sentido de gerar símbolos e representação simbólica que provoque a sociedade a refletir, questionar e romper com determinadas representações, conhecimentos e visões de mundo opressoras. Ou seja, ao relacionarmos com as pesquisas sob um enfoque decolonial, todo resultado da pesquisa carregará em si uma carga simbólica que acarretará em um impacto simbólico o qual abrirá caminhos para que se reconheçam a necessidade de que as histórias sejam contadas não apenas do interior do mundo ‘moderno’, mas também a partir de suas fronteiras (LEAL, 2020).

Além disso, ao abordamos estudos sob o enfoque decolonial, verifica-se uma predominância de estudos de caráter interpretativo. Segundo Saccol (2009) o paradigma de pesquisa interpretativista é um dos principais paradigmas em oposição ao paradigma positivista. Para a pesquisa interpretativista o que se tem como resultado de uma

investigação não são os fatos em si (uma realidade objetiva), mas a interpretação do pesquisador sobre as interpretações dos indivíduos que participam em um determinado fenômeno (SACCOL, 2009).

Segundo Ballestrin (2013) a decolonialidade compartilha da proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes de modernidade. Diante disso, a pesquisa qualitativa, a partir de uma ontologia que considera a interação sujeito-objeto, colabora com os estudos decoloniais ao considerar que a realidade social é produto da negociação e compartilhamento de significados entre as pessoas, isto é, ela resulta de uma construção. Assim, a realidade não é considerada nem como algo totalmente externo e independente da mente humana (objetiva), nem como fruto somente da percepção individual de cada indivíduo isoladamente (idealista, subjetiva), porém, a realidade é percebida e “criada” numa instância coletiva – as percepções do mundo que compartilhamos em sociedade –, portanto, a realidade é intersubjetiva (SACCOL, 2009).

Considerando que os estudos decoloniais tratam de uma investigação com interesses emancipatórios, os quais buscam se desvincular do que é dado como certo para nos ater aquilo que é contraditório e não evidente, a pesquisa qualitativa se apresenta como uma alternativa, pois aprecia múltiplas percepções, esclarece significados, verifica a reincidência de observações e interpretações, percebe distintas realidades, atribui maior riqueza de informações e amplia a complexidade do estudo, bem como dá vozes aos participantes, com vistas a construir uma teia de significados sobre o fenômeno de interesse (LEAL, 2020).

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, retomo o objetivo desse *paper*: compreender as contribuições da pesquisa qualitativa para os estudos que possuem um enfoque decolonial sob o argumento central de que as ciências sociais aplicadas têm o desafio de transitar em terrenos que promovam conversas críticas em torno da democracia, da raça, do gênero, da classe, dos Estados-nações, da globalização, da liberdade e da comunidade (DENZIN e LINCOLN, 2006, p.16) a partir de metodologias crítico-reflexivas.

Em suma, a partir do exposto, foi possível compreender que é preciso que a ciência da Administração se conecte cada vez mais com esse real em movimento, com as suas necessidades e demandas, se abrindo para novas experimentações: epistêmicas, teóricas e metodológicas. (ALPERSTEDT; ANDION, 2017) E essas novas experimentações podem ser encontradas a partir das lentes da decolonialidade em estudos sob o enfoque qualitativo.

Diante disso, conforme Spyer Dulci e Rocha Malheiros (2021), pensar metodologias para estudos decoloniais é pensar outras ferramentas além das que hierarquizam e objetificam povos e vozes subalternizados e silenciados. É um esforço de tornar presente os caminhos do conhecimento que estão à margem. E a pesquisa qualitativa torna-se uma alternativa metodológica emancipadora, compatível e viável para os estudos decoloniais.

Todo esse entendimento dialoga com Alperstedt e Andion (2017), pois, segundo as autoras, a ausência de responsabilização pelas finalidades sociais daquilo que se produz tem como efeito a formação de pesquisadores pouco críticos e reflexivos, que tendem a agir como pessoas reativas, no dizer de Guerreiro Ramos, pois acabam por admitir um sistema que reforça comportamentos e práticas que sustentam uma racionalidade específica (ALPERSTEDT; ANDION, 2017). Ou seja, percebe-se que ao desconsiderar em estudos decoloniais as classificações frutos da formação colonial, bem como, as relações de exploração/dominação/conflito da colonialidade (BALLESTRIN, 2013) estaremos enviesando nossos estudos e sendo irresponsáveis quanto aos aspectos sociais.

Indo ao encontro de Ballestrin (2013), a qual afirma que o conceito de colonialidade se apresenta como um princípio organizador que estrutura todas as múltiplas hierarquias do sistema-mundo e que a decolonialidade basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, o caráter dinâmico e conflitivo desse fenômeno, se apresenta como oportunidade de reflexão e de articulação de suas especificidades à totalidade da qual ele é parte constitutiva, na busca pela sua essência qualitativa. Nossas escolhas por fenômenos/objetos tem uma racionalidade por trás. É reflexo de como enxergamos o mundo. E o conhecimento sobre a realidade depende das práticas humanas e é construído por meio da interação entre as pessoas e o

mundo. Essa concepção de interação entre sujeito e objetivo relaciona-se com o que preconiza a decolonialidade.

Por fim, a ciência social aplicada precisa dialogar com a decolonialidade e, mais, precisa dialogar a partir de um viés qualitativo, pois a lógica dominante do eurocentrismo precisa ser contestada de forma a construir resultados de pesquisas que questionem, reflitam e rompam com paradigmas hegemônicos até então vigentes e que apreendam o valor sutil, profundo e estruturante que os resultados de pesquisa podem acarretar para o desenvolvimento e transformação da sociedade e das organizações (OLIVEIRA e DAVEL, 2021; ALPERSTEDT; ANDION, 2017). A pesquisa qualitativa contribuirá para a compreensão de outros saberes que desvendem a colonialidade epistêmica, a colonialidade do poder e a colonialidade do ser a partir de uma perspectiva crítico-reflexiva.

3. REFERÊNCIAS

ABDALLA, Márcio Moutinho e FARIA, Alexandre. **Em defesa da opção decolonial em administração/gestão**. Cadernos EBAPE.BR [online]. 2017, v. 15, n. 4 [Acessado 11 Setembro 2021] , pp. 914-929. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1679-395155249>>. Epub Oct-Dec 2017. ISSN 1679-3951. <https://doi.org/10.1590/1679-395155249>.

ALPERSTEDT, G.D.; ANDION, C. **Por uma pesquisa que faça sentido**. Perspectivas. São Paulo, RAE/FGV-EAESP, V.57, n.6, nov-dez 2017, p. 626-631.

BALLESTRIN, L. (2013). **América Latina e o Giro Decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, (11), 89-117.

CUNHA, M. P. E; REGO, A. Métodos qualitativos nos estudos organizacionais e de gestão. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, v. 18, n. 3, p. 188-206, 30 dez. 2019.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Eds.). . **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LANKA, E., Lanka, S., Rostron, A., & Singh, P. **Why we need qualitative research in management studies**. Revista de Administração Contemporânea. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2021200297.en>

LEAL, Fernanda Geremias. **Bases Epistemológicas dos discursos dominantes de**

‘Internacionalização da Educação Superior’ no Brasil. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

OLIVEIRA, Josiane Silva de e DAVEL, Eduardo Paes Barreto. **Symbolic Impact of Research.** Organizações & Sociedade [online]. 2021, v. 28, n. 96 [Acessado 11 Setembro 2021] , pp. 1-7. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-92302021v28n9600EN>
<https://doi.org/10.1590/1984-92302021v28n9600PT>>. Epub 07 Maio 2021. ISSN 1984-9230. <https://doi.org/10.1590/1984-92302021v28n9600EN>.

SACCOL, Amarolinda Zanela. **Um retorno ao básico:** Compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria. 2009;2(2):250-269. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273420378007>

SOUSA SANTOS, B. DE. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna.** Estudos Avançados, p. 46–71, 1988.

SPYER DULCI, . M. .; ROCHA MALHEIROS, . **Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América latina.** Revista Espirales, [S. l.], p. 174–193, 2021. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espiales/article/view/2686>. Acesso em: 11 set. 2021.